



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
Projetos x Projects: trabalho, território e educação popular em duas organizações de desempregados na periferia de Buenos Aires			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Javier Walter Ghibaudi¹	Universidade Federal Fluminense	UFF	Professor
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
No início da década 2000, ganham visibilidade na Argentina movimentos sociais que reivindicam o direito ao trabalho enfatizando um projeto de ação territorial, no bairro, e formas de realização de trabalho autogestionárias, ou cooperativas. Dentro do amplo e heterogêneo conjunto destas organizações chamadas piqueteras, muitas colocam como fundamento de seu Projeto político o desenvolvimento de ações de educação popular. A presente reflexão toma como casos de estudo duas organizações da Periferia de Buenos Aires na sua trajetória na década passada e se questiona sobre as mudanças e continuidades da ação coletiva, observando o lugar das práticas e valores da educação popular nessa ação. Particularmente, reflete sobre as tensões e contradições que desafiam os Projetos das organizações na medida em que se relacionam com as diretrizes e ações concretas de agentes dominantes – do âmbito público e privado – que, no que com Boltanski e Chiapello pode-se denominar de novo espírito do capitalismo, priorizam ações ou projects focalizados, flexíveis e limitados no tempo e espaço. Finalmente, procura questionar sobre o papel de nós, pesquisadores e assessores universitários, dentro dessas relações e tensões.			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Movimentos Sociais – Educação Popular – Argentina			

1. Introdução

No início da década 2000, ganham visibilidade na Argentina movimentos sociais que reivindicam o direito ao trabalho enfatizando um projeto de ação territorial, no bairro, e formas de realização de trabalho autogestionárias, ou cooperativas. Dentro do amplo e heterogêneo conjunto destas organizações chamadas piqueteras, muitas colocam como fundamento de seu Projeto político o desenvolvimento de ações de educação popular. A presente reflexão toma como casos de estudo duas organizações da Periferia de Buenos Aires na sua trajetória na década passada e se questiona sobre as mudanças e continuidades da ação coletiva, observando o lugar das práticas e valores da educação popular nessa ação. Particularmente, reflete sobre as tensões e contradições que desafiam os Projetos das organizações na medida em que se relacionam com as diretrizes e ações concretas de agentes dominantes – do âmbito público e privado – que, no que com Boltanski e Chiapello (2002) pode-se denominar de novo espírito do capitalismo, priorizam ações ou *projects* focalizados, flexíveis e limitados no tempo e espaço. Finalmente, procura questionar sobre o papel de nós, pesquisadores e assessores universitários, dentro dessas relações e tensões.

¹ javierghibaudi@id.uff.br

A metodologia utilizada consistiu em um trabalho de estudo de casos e de discussão de literatura e pesquisas mais recentes sobre a temática em discussão. O trabalho de campo foi realizado em fevereiro, maio e agosto de 2005 e em janeiro e março de 2010. Nele, foram feitas observações das atividades cotidianas e de alguns eventos das organizações – festivais, feiras– junto com entrevistas com seus membros. Foram visitadas e entrevistadas também organizações e pessoas ligadas a ambos os movimentos – escolas, outros movimentos sociais, vizinhos².

A seguir se apresentam, primeiro, o surgimento das organizações em estudo e a sua composição e localização territorial. Posteriormente são descritos seus Projetos Políticos, prestando especial ao lugar desempenhado pelos princípios e práticas da educação popular. Finalmente, destacam-se as tensões das suas propostas na suas realizações concretas e em relação com agentes dominantes dentro da estrutura social e sugere-se, para o debate, um questionamento do lugar do pensamento crítico e da universidade para com ações coletivas como as aqui em estudo.

2. Os casos em estudo: MTD La Juanita e APROFA.

2.1 Surgimento, membros e entorno territorial do Movimiento de Trabajadores Desocupados (MTD) La Juanita.

Começando pelo *Movimiento de Trabajadores Desocupados*³ *La Juanita* (MTD), em uma primeira análise sobressai sua relação com as ações que se agregam, em forma simplificada, sob o termo “movimiento piquetero”. Mais especificamente, e seguindo os conceitos de Svampa e Pereyra (2003), estaria dentro da vertente piquetera “barrial” ou “de bairro” que tem como base uma tradição e um trabalho territorial mais intenso, sendo isso mais comum nas organizações localizadas na Área Metropolitana de Buenos Aires (SVAMPA; PEREYRA, 2003, p 11-52). Seus objetivos publicamente divulgados são a obtenção de “trabalho genuíno” para seus membros, questionam o Estado pela “crise do desemprego”⁴ e nas suas origens participaram do bloqueio de estradas, os “piquetes”, para tornar visíveis suas demandas, iniciativas comuns às organizações piqueteras, segundo esses dois autores.

A partir das tradições políticas de seus membros e das relações com outras organizações – com destaque para *Las Madres de Plaza de Mayo* e o *Instituto Movilizador de Fondos Cooperativos*

². Desta forma, gostaria de agradecer toda a atenção e disposição das pessoas entrevistadas para a pesquisa e a colaboração desinteressada de professores e colegas como Virginia Manzano (UBA), Héctor Palomino (UBA), Héctor Poggiese (FLACSO-Argentina), meu tutor CLACSO durante o trabalho de campo, Gabriel Fajn (UBA), e meu orientador de tese de doutorado, Carlos Vainer. Sou grato também ao debate dos resultados com colegas e professores também IPPUR como Ana Clara Torres Ribeiro, Henri Acselard e Frederico Araújo e participantes da minha banca de qualificação do projeto de tese de doutorado, como Carlos Walter Porto Gonçalves (UFF).

³ Desocupados, no nome original em espanhol, deve ser entendido como Desempregados.

⁴ Ver Flores (2002) e boletins do MTD (2002, 2003, 2004).

(IMFC)⁵ – foram se diferenciando de outras agrupações piqueteras ao sublinhar sua recusa em se tornarem beneficiários dos planos de transferência de renda do Estado e apoiar, sim, a geração de trabalho mediante cooperativas e uma maior articulação com o entorno social mais imediato. Em agosto de 2005 eram quinze os membros ativos da organização. Entre os que exercem uma maior liderança, encontra-se um antigo operário metalúrgico com militância em agrupações de esquerda nas décadas de 1970 e 1980 e experiência no trabalho “de base” em bairros de La Matanza, incluindo a ocupação de terras⁶. Além da importância de “...antigos companheiros de política de bairro...”, destaca-se a função de uma participante docente, com experiência de trabalho em educação popular nessas mesmas décadas e que se integrara ao MTD no final da década de 1990. Trata-se de pessoas que superam os 40 anos de idade e que se articulam com outros membros que têm em média 25 anos e que, na sua maioria, se aproximaram do MTD quando este já estava formado, atraídos, especialmente, pela proposta de educação popular promovido pelas Madres de Plaza de Mayo. A colaboração com profissionais de psicologia social, com um forte discurso de “emancipação” e também relacionados à proposta de educação popular, também é reconhecida pelas lideranças do MTD como fundamental.

O espaço onde a organização se localiza, La Juanita, tem indicadores típicos do segundo “cordón” dos subúrbios da Cidade de Buenos Aires, portanto inferiores aos dessa e aos do primeiro “cordón” de seus subúrbios. Mesmo que sua formação esteja dentro dos padrões formais de ocupação, o bairro é vizinho a áreas urbanas que surgiram com a ocupação de terras para moradia, principalmente na década de 1980. Segundo reconhecem membros e vizinhos do MTD, trata-se de um área rica na ação de “punteros” ou “cabos eleitorais” do partido peronista, que lidera, desde antes da última ditadura, a política do município⁷.

2.2 Surgimento, membros e entorno territorial da Asociación de Productores Familiares (APROFA).

Localizada no bairro La Quebrada, de Paso del Rey, Município de Moreno, a associação APROFA se formou em 1998. Sua origem está relacionada a um grupo de jovens que trabalhavam em uma horta comunitária dirigido por um padre católico. Este grupo chegou ao bairro para colaborar com

⁵ A primeira surge na última ditadura militar (1976-1983), com as passeatas feitas na Plaza de Mayo – sede do poder executivo de Argentina – pelas mães que reclamavam pela localização de seus filhos que, na sua maioria torturados e assassinados pela ditadura clandestinamente, são hoje conhecidos como “desaparecidos”. A partir do ano de 2001, a associação das Madres de Plaza de Mayo tem sua Universidade Popular e realiza ações públicas que, além da defesa dos direitos humanos e a busca dos desaparecidos e punição para seus executores, remetem a um ideário socialista. O IMFC é uma instituição formada em 1958 e que procura fomentar o cooperativismo na Argentina, tanto com recursos monetários quanto, fundamentalmente, difundindo pesquisas e atividades culturais dentro do “ideal cooperativista”. Ver IMFC (2008) e Asociación Madres de Plaza de Mayo (2010, a e b).

⁶ Para o fenômeno da ocupação de terras em La Matanza na década de 1980, ver Merklen (1991). Para a ação política em setores populares na década de 1970 na Argentina, ver Aguirre e Werner (2007).

⁷ Agradeço à pesquisadora Virgínia Manzano um melhor entendimento do heterogêneo *universo matancero*, e aos membros e vizinhos do MTD, especialmente com os de maior trajetória dentro de seu entorno territorial.

“a casinha do Padre Elvio” em 1997, quando a horta tinha mais de 10 anos de trabalho na recuperação de jovens com problemas de dependência química e alcoolismo. Inconformados com a negativa do padre em ampliar as atividades da horta para atividades com vizinhos do bairro, os membros desse grupo decidiram formar sua própria organização e começaram a trabalhar com uma primeira horta para dez famílias do bairro e com ferramentas obtidas através do *Plano Hortas Familiares* do estatal *Instituto Nacional de Tecnología Agrária* (INTA). Logo após, se constituíram formalmente para, segundo afirmam, poder solicitar mais recursos diante órgãos públicos – principalmente da prefeitura de Moreno.

APROFA é uma organização cujo núcleo está formado na sua maioria por jovens entre 20 e 30 anos, muitos com segundo grau completo e alguns na universidade. Uma parte está presente desde o início, e já se conheciam por relações de vizinhança e também familiares. Outra, menor, integrou-se a partir de atividades de extensão em universidades, como a de Luján e Moreno, em áreas de assistência social e agricultura comunitária. É importante destacar que, como no caso do MTD, estes estudantes tinham também como referência concreta a participação em cursos e ações da Associação das Madres de Plaza de Mayo. Também participam ativamente da organização três pessoas com mais de 40 anos de idade, vizinhos do bairro, sendo dois desempregados e um relacionado com uma escola comunitária de um bairro vizinho, com princípios de cooperativismo, chamada *Creciendo Juntos*. Finalmente, chefes de duas famílias do bairro somaram-se para participar ativamente, sendo primeiramente simples destinatários das ações de APROFA – freqüentavam seu refeitório – com poucos anos de escolaridade formal (primeiro grau incompleto) e morando dentro da área mais pobre do bairro. É este o perfil dos indivíduos que, de fato, APROFA tentaria não somente beneficiar, mas também integrar ativamente na sua organização.

3. O Projeto de “poder popular”: a ação cotidiana no *barrio* e o lugar da educação.

Com autores como Marramao (1997), pode-se compreender a importância para a ação coletiva de valores e objetivos comuns que transcendem o contexto imediato, colocando um ideal de transformação da realidade vigente, como utopia que motiva e estrutura a ação e relações entre os membros de um grupo. Nesse sentido, uma questão aparece como central e constante na definição de um Projeto, cujos elementos fundamentais tendem a coincidir em ambas as experiências: “...a construção do poder popular...”⁸.

Em primeiro lugar, afirma-se uma oposição a instituições e práticas dominantes no sistema político-eleitoral argentino. Para os membros das organizações, a classe política formalmente eleita não

⁸ Flores (2002), boletins do MTD (2002, 2003, 2004), o Periódico La Posta (2004 y 2005), e boletins de APROFA (2004) e entrevistas em fevereiro, maio e agosto de 2005.

representar-ia os interesses dos setores populares. O voto desses setores seria, para as organizações, uma simples formalidade que legitima uma classe política desvinculada de seus eleitores. Esse “...uso do voto popular...” denuncia-se, também, em uma oposição ao que os membros das organizações chamam de práticas clientelistas protagonizadas pelos “punteros eleitorais” – a maior parte do peronismo – nas áreas onde as organizações atuam⁹.

Em segundo lugar, a proposta de “construção do poder popular” expressaria a negação da “conquista revolucionária do Estado” como estratégia política. Grande parte dos membros mais ativos das organizações afirma que no passado – década de 1970 – aderiam a essa estratégia, mas que ela se mostrou “ineficaz” e que agora tratar-se-ia de mudar as condições de vida com foco e a partir do “bairro”.

Observando os documentos e as entrevistas nos quais as duas organizações explicitam o seu Projeto político e, principalmente, a sua estrutura e dinâmica de ação, destacam-se os seus objetivos de transformar os valores e as práticas cotidianas dos “vizinhos” das organizações. Tanto na APROFA quanto no MTD é central a atividade de ensino com crianças que moram no entorno territorial mais imediato, defendendo um projeto de “educação popular”. Isto é, a defesa de uma pedagogia “transformadora”, onde se enfatizam relações de “solidariedade” e “autonomia”, sendo referência a obra de autores como Paulo Freire e a ação pedagógica desenvolvida por movimentos sociais de maior visibilidade internacional, principalmente o Movimento dos Sem-Terra (MST, do Brasil).

No MTD, em comparação com a APROFA, essa orientação é mais evidente e fundamental para a sua ação. Foi a criação de uma creche e de uma escola de primeiro grau o que deu força ao desenvolvimento da organização. Reconhecido como a atividade mais importante da organização, o projeto pedagógico se foi estruturando com o trabalho de suas principais lideranças e na interação com a Associação das Madres de Plaza de Mayo. Com o apoio de doações e de ONGs internacionais, a partir de 2004, a creche começou a funcionar e diversos jovens se foram integrando como educadores, sendo seis os docentes em 2005. Os alunos eram crianças de até sete anos, quase na totalidade moradoras das proximidades. Tratava-se de desenvolver atividades e conceitos que no MTD entendiam que estavam ausentes na educação tradicional. Se o primeiro objetivo era trabalhar com os filhos dos membros e pessoas mais próximas, as expectativas foram logo superadas, e o projeto ganhou força como forma de se articular com vizinhos dentro da sua estratégia de ação “de bairro”:

⁹ No caso do MTD, em uma crítica que está longe de uma simples condenação, sublinha-se o “...trabalho cuidadoso e diário...” destes indivíduos. Para um estudo sobre as práticas do partido peronista nos subúrbios de Buenos Aires e o trabalho dos “punteros”, evitando sua simplificação, ver Auyero (2001).

[...] convidamos o bairro para participar da escola... tínhamos pensado primeiro nos filhos e parentes dos membros do MTD, e não esperávamos tanta gente [...] a questão foi que a primeira inscrição superou as cinquenta pessoas, o bairro aceitou bem nossa proposta e nos desafiou a ampliá-la (Declaração de Soledad Bordegaray, liderança do MTD, FUM, Rio de Janeiro, março de 2010, tradução minha).

A interação com pais da vizinhança procurava, também, um maior grau de comprometimento, que fosse além da atividade pedagógica. Como forma de ajudar materialmente, e estreitar esses vínculos, solicitavam-se aos familiares contraprestações, sob a forma de serviços na escola em diferentes momentos do ano — reparações na construção, atendimento ao público etc. Atividades culturais e de divulgação também eram fortemente incentivadas. Nesse sentido, pode ser citada a realização de eventos em feriados pátrios com alunos da escola e seus familiares, onde eram hasteadas as bandeiras de “todas as nacionalidades presentes no bairro: argentina, boliviana, paraguaia e brasileira”, com o objetivo explícito de “integrar os pais da vizinhança e respeitar suas próprias identidades”.¹⁰

Essa mesma orientação de formação de “novos valores no bairro” aparece nas atividades de ajuda escolar desenvolvidas três vezes por semana na sede da APROFA. Além de ministrar estudos complementares às disciplinas de uma escola de primeiro grau, estatal e vizinha, eram realizadas atividades para se desenvolverem valores como a “solidariedade” e “fazer os alunos pensarem a realidade do bairro e de suas famílias”, questionando-se, assim, o estado das coisas.¹¹ Os docentes eram membros ativos da APROFA, a maioria estudantes universitários que também aderiram a uma proposta de “educação popular” similar à defendida no MTD, e mais uma vez, o contacto deles com a Associação das Madres de Plaza de Mayo era também fundamental para explicar seus valores e suas práticas educativas.

4. As tensões concretas da ação coletiva: Projetos x *projects*, ou Formação x Capacitação.

Quando as organizações se relacionam com sujeitos relativamente dominantes dentro da estrutura social, à procura de apoio e ampliação de suas ações, deparam-se, querendo ou não, com outros valores e outras práticas, e com outros objetivos e tempos de ação.

¹⁰ Observação feita durante o trabalho de campo, num ato no dia 25 de maio de 2005 — feriado nacional na Argentina, que comemora a Revolução de Maio de 1810 — e em entrevistas a pais de alunos e docentes da escola.

¹¹ Por exemplo, solicitando aos alunos que fizessem uma redação sobre como observavam o bairro, utilizando fotos de jornais e revistas. Cenas de repressão policial e o questionamento do sentido da autoridade tradicional apareciam nos trabalhos orientados pelos docentes. No mesmo sentido, aparecem as letras das músicas que as crianças da escola do MTD ensaiavam para o ato do 25 de maio acima citado, como a música “Raiva no galinheiro”, famosa canção de protesto da década de 1970 na Argentina.

Do ponto de vista material mais evidente, e mesmo mantendo formas de arrecadação tradicionais em movimentos sociais — como festivais e festas —, a maioria dos recursos que recebem está regida por uma exigência de resultados quantificáveis e com prazo de tempo relativamente estrito. Esse é o caso dos financiamentos de ONGs e outras fundações internacionais e das empresas preocupadas em ter ações de *responsabilidade social* — com maior influência no MTD —, mas também de programas de governo dentro das *políticas sociais*, mais relevantes no caso da APROFA. Dessa forma, os seus Projetos de ação coletiva na prática concreta e cotidiana entram em tensão com o leque de *projetos* a partir dos quais se sustentam.¹²

Em outras palavras, as organizações atuam condicionadas, em grande parte, pelo que Boltanski e Chiapello denominam *gestão por projetos*, entendida como o uso efetivo de recursos no curto prazo, pautados por critérios administrativos de gestão e os valores a eles associados. Essa última concepção do projeto remete à etimologia anglo-saxã de *project*, no sentido de interação temporária de sujeitos com fins específicos, distanciando-se da concepção latina e da sua referência à construção de um conjunto de ideais e de desejos de ação num horizonte maior, o Projeto tal como aqui entendido, em referência à construção política de organizações. Para Boltanski e Chiapello (2002), o *project*¹³ é uma forma de ação fundamental dentro do capitalismo contemporâneo e que se relaciona com um novo sistema de valores que orienta e justifica as formas concretas da acumulação de capital nos países centrais, o que constituiria um *novo espírito do capitalismo*, seguindo os conceitos de Max Weber. Segundo esses autores, próximos da análise histórica de Castel (1998) sobre a sociedade salarial, no período fordista do capitalismo nos países centrais — particularmente na França —, os valores que justificavam, estimulavam e davam legitimidade às relações capitalistas eram os da *estabilidade* e do *progresso* a partir de um estado social que regulava as relações entre as corporações e os grandes sindicatos. Já no capitalismo posterior à década de 1970, ou *pós-fordista*, os novos valores dominantes seriam a *flexibilidade* e a *mudança*. Para Boltanski e Chiapello, o capital não garante mais estabilidade e progresso, mas se relaciona com o trabalho a partir da idéia de *projetos*, em que o que interessa é a articulação temporária, sem maior rigidez, de pessoas e outros recursos para atingir metas específicas. Ao trabalhador, cada vez mais entendido *empreendedor*, deveria interessar a integração num projeto e a ampliação da *rede* de relações e do leque de conhecimentos para depois ser chamado para outros projetos, onde a procura da dinâmica e da transformação teria que ser mais valorizada do que a antiga estabilidade, rígida e monótona. Esse *novo espírito*, que os autores desvendam ao analisar a literatura de divulgação e

¹² Para um rápido panorama das relações institucionais das duas organizações no ano de 2005, ver Quadros 1 a 5, no final deste trabalho.

¹³ Indica-se com caixa baixa e itálica o conceito de projeto de origem anglo-saxã e questionado por Boltanski e Chiapello (2002) para o diferenciar do Projeto, na sua concepção latina.

best-sellers da gestão empresarial na França, faz-se presente também na ação estatal. Consultores e administradores no âmbito público passam a adotar a gestão por projetos como forma de ação “moderna”, muito divulgada, aliás, pelas agências de financiamento internacional e muitas vezes exigidas como condição para os seus empréstimos.¹⁴

Essa tendência mais geral e observada nos países centrais aparece, com as suas especificidades, na conjuntura argentina recente e em forma concreta nos casos em estudo e a sua relação com ações educativas sob a forma de “capacitações”. Na tradição de luta de classes na Argentina, da qual as organizações se reconhecem como parte, era clara a distinção de uma classe trabalhadora contra o capital em um projeto nacional (AGUIRRE, WERNER, 2007). Esse conflito era mais evidente não somente em termos das ações dos trabalhadores, mas também dos discursos e práticas das entidades de classe empresarial e dos grandes proprietários rurais. Do mesmo modo, essas disputas aconteciam dentro do Estado, e se expressavam com políticas orientadas para favorecer ou segurar os avanços da classe trabalhadora. Na década de 2000, entretanto, esse confronto é muito mais opaco. Não somente pelo precedente declínio do trabalho assalariado em termos sociais e políticos, mas também pela configuração, a ele associado, do *novo espírito do capitalismo* acima descrito. Recursos, valores e práticas concretas seja do Estado, das empresas ou de um ‘Terceiro Setor’ não se apresentam mais a favor ou contra os trabalhadores, mas sob a forma dos *projects* que não gostam de “rigidezes” nem categorias que explicitem conflitos ou ideologias. Preferem ‘parcerias’, resultados concretos ou, em termos do Banco Mundial, ações *win-win* onde todo mundo ganha. Ainda mais, quando tratam dos setores dominados, preferem se referir a ‘excluídos’ que devem ser trazidos de volta para a sociedade, gerando resultados dignos de serem publicados em relatórios de empresas socialmente responsáveis ou de ministérios encarregados do ‘social’.

Dessa forma, se a “formação” política e questionadora é um fundamento do desenvolvimento das organizações e seus membros, o trabalho cotidiano junto com ONGs e políticas focalizadas do poder público outorgam um peso significativo para os cursos de “capacitação”. Envolvem, também, a transmissão e interiorização de valores próximos à gestão empresarial e mais distantes de seus Projetos Políticos. Trata-se de uma relação tensa, onde as lideranças afirmam que sabem dos “perigos” e que conseguem manter a sua autonomia, mas que significa a adoção de práticas que estão longe de ser neutras.

¹⁴ Para um caso de estudo sobre as exigências de reformas institucionais articuladas por agências como o Banco Mundial, ver Ribeiro Filho, G. B. *O Banco Mundial e as cidades construindo instituições na periferia: o caso do PRODUR, Bahia*. 2006. 243 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://teses.ufrj.br/IPPUR_D/GeraldoBrowneRibeiroFilho.pdf>. Acesso em: 25 out. 2009

Em ambas as organizações, por exemplo, o desenvolvimento de empreendimentos produtivos a partir de relações cooperativas foi um processo no qual as dificuldades e os avanços a partir de “prova e o erro” ajudaram a construir os valores de trabalho “digno e autônomo”. As organizações mediadoras — IMFC, Associação Madres de Plaza de Mayo, escola *Creciendo Juntos* — prestavam conhecimento técnico, contatos comerciais e alguns recursos materiais para a produção tanto no MTD como na APROFA. A interação com profissionais de fora das organizações e desses mediadores não deixava de ser tensa, sobretudo quando questões específicas de gestão eram apresentadas por professores e técnicos segundo os parâmetros tradicionais dos negócios: o preço ótimo e de produção de equilíbrio que os modelos de microeconomia recomendavam não era compatível com o interesse das organizações de vender barato e gerar a maior quantidade de trabalho, como aconteceu, por exemplo, com a padaria do MTD. Nessa situação, os membros das organizações optaram por uma solução que teria sido reprovada no cálculo de custos marginais da microeconomia ortodoxa, mas claramente coerente com a sua proposta política e de cooperativismo: continuar vendendo barato, mas trabalhando e produzindo mais para garantir a mesma sobra monetária final. Outras opções políticas também tinham seus custos em termos de adesão. O objetivo principal de gerar trabalho fazia com que “qualquer companheiro que tivesse uma proposta de empreendimento fosse apoiado, e tentávamos”, pois “ninguém podia nem queria dizer ‘não’ a um companheiro desempregado”.¹⁵

Se essas contradições apareciam de forma clara, outras eram muito mais opacas e até mais frequentes. As prestações de contas, a necessidade de “sustentabilidade” financeira e a própria legitimidade com algumas fundações do âmbito empresarial ou incluso órgãos governamentais eram, pode se afirmar, desafios cotidianos à manutenção do Projeto político dentro da lógica, menos conflitiva, dos *projects*. Exemplo claro disto são as propostas de formação de *empreendedores* que focam no indivíduo como (micro)empresário como forma de “saída da pobreza”, opção política e cultural apoiada com recursos públicos e privados. Essas iniciativas são estimuladas, e festejadas, por meios dominantes de informação que as enaltecem como a melhor opção que os movimentos sociais podem seguir em contraposição às ações diretas de conflito e reivindicação política.¹⁶

¹⁵ Um exemplo particularmente ilustrativo desse percurso é, mais uma vez, a padaria do MTD, experiência citada com frequência pelas pessoas entrevistadas e bem detalhada nas publicações da organização. Nela, é particularmente clara a articulação entre motivações de sobrevivência — fornecimento de alimentos, aprendizado a partir da prática e do erro —, com as suas múltiplas falências e retomadas, e ação política — na postura de vender pão a “preços populares” para vizinhança, e também a opção de se relacionar com agentes com recursos financeiros e dispostos a apoiá-los para garantir a sua continuidade (MTD La Matanza; DOBIN-BERNSTEIN, 2007; FLORES, 2004; Declarações de Soledad Bordegaray, FUM, Rio de Janeiro, março de 2010, tradução minha).

¹⁶ Ver especialmente matérias em jornais tradicionais como La Nación: TOSI, María Cecilia (2005) “Dejaron de cortar rutas y se dedican a exportar” La Nación (Buenos Aires), 12/06/2005. < <http://www.lanacion.com.ar/712329>> e Clarín:

Em outros termos, se o que as organizações denominam como “formação” consiste explicitamente em atividades com pessoas e instituições de tradição política afins a seus Projetos e seus objetivos emancipatórios, as ações cotidianas financiadas por *projects* de fundações e organismos estatais envolvem também um processo educativo. Trata-se de um processo menos explícito, mas não por isso menos influente, que não aparece questionado pelos membros das organizações. Ainda mais, tampouco parece ser percebido ou problematizado pelas instituições políticas que os apóiam e pelas iniciativas de extensão universitária de pesquisadores e intelectuais afins com seus Projetos.

5. Algumas conclusões para o debate.

A análise das ações do MTD e de APROFA sugere que por trás dos *projects* se articulam visões de setores dominantes que acabariam por esconder as relações de dominação. O caráter opaco dessas relações fica difícil de combater analiticamente quando as práticas concretas envolvem a colaboração dos membros das organizações com “...o companheiro que ocupa um cargo de gestão na área social e briga pelos programas...” ou “...o empresário que nos conheceu e decidiu de todo modo ajudar a uma cooperativa com nossos princípios...”¹⁷. Passa a ser mais claro, entretanto, quando as organizações reclamam das visões que sobre eles são divulgadas por empresas tradicionais de comunicação que os colocam “...como bons empreendedores...”, produto de ações heróicas ou, no caso de APROFA, preferem ignorá-los ou agregá-los à massa uniforme e nunca precisa de ‘ações da política clientelística do conurbano’.¹⁸

No campo acadêmico não se supera essa problemática quando se prefere entender as ações coletivas na periferia de Buenos Aires dentro do paradigma da exclusão e que em alguns casos confunde a mudança nas identidades nas classes em luta (THOMPSON, 2001) com o fim das classes. Também não parece ser uma resposta satisfatória quando se reconhecem essas lutas, mas se simplificam as suas mudanças no manto da fragmentação. Esse entendimento, aliás, parece estar próximo às intenções dos *projects* e o *novo espírito do capitalismo* que os dominantes pretendem estabelecer.

Do mesmo modo, quando ações de ensino e extensão a partir da universidade focam exclusivamente na formação “política” dos membros e ignoram as práticas concretas de obtenção de recursos e a relação concreta com atores dominantes, deixam um amplo campo para a reprodução dos valores e diretrizes da “correta gestão”, que se apresenta como “neutra” e “técnica”.

ARTUSA, Marina 2005 “Vacaciones a toda marcha” en Viva: la revista de Clarín. (Buenos Aires) Domingo 17 de Julio de 2005 (p. 34-43).

¹⁷ Entrevistas em janeiro de 2010 com lideranças de APROFA, e lideranças e membros do MTD, respectivamente.

¹⁸ Ver os artigos do jornal La Nación: DI NATALE, 2010 (a, b) e FERNANDEZ DIAZ, 2009.

Isto é particularmente contraditório com os objetivos dos Projetos de lutar contra a cultura individualista e as relações de exploração dominantes. Se essa contradição pode ser melhor entendida como uma tensão inerente à ação coletiva direta e concreta das organizações em estudo, passa a ser um paradoxo quando presente em instituições e pessoas com trajetória no pensamento crítico. Ainda mais se consideramos que cabe ao intelectual, justamente, um trabalho de luta e questionamento do senso comum e dos valores naturalizados na sociedade (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2002).

Este artigo procurou mostrar alguns resultados e provocações para continuar indagando sobre as novas formas de dominação e suas resistências que se expressam na periferia de cidades como Buenos Aires. Uma valorização tanto da ação coletiva de dominados, como os modos mais opacos de dominação e o nosso papel a partir da Universidade aparecem como uma linha de pesquisa para aprofundar e continuar discutindo.

Bibliografia

AGUIRRE, Facundo; WERNER, Ruth. (2007); *Insurgencia obrera en la Argentina 1969-1976: Clasismo, coordinadoras interfabriles y estrategias de la izquierda*, Buenos Aires, Ediciones IPS.

AUYERO, J. (2001); *La política de los pobres: las prácticas clientelistas del peronismo*, Buenos Aires, Manantial,

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. (2002); *El nuevo espíritu del capitalismo*, Madrid, Akal.

BOURDIEU, P. CHAMBOREDON, J.C.; PASSERON, J.C. *El Oficio del Sociólogo: presupuestos epistemológicos*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2002.

CASTEL, Robert. *A metamorfose da questão social*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

FLORES, T. (2002); “De la culpa a la autogestión: aclaraciones preliminares”, en (Flores, T.) *De la culpa a la autogestión: un recorrido del Movimiento de Trabajadores Desocupados de La Matanza - 1 ed.* 2002 pela MTD Editora, Buenos Aires, Continente, 2005, p. 13-45

FLORES, T. (2006); “Cuando con otros somos nosotros”, en (Flores, T.) *Cuando con otros somos nosotros: la experiencia asociativa del Movimiento de Trabajadores Desocupados MTD La Matanza*, Buenos Aires, M.T.D. Editora, 2006, p. 17-53.

MARRAMAIO, G. Céu e terra: genealogia da secularização. São Paulo: Unesp, 1997.

INSTITUTO MOVILIZADOR DE FONDOS COOPERATIVOS (IMFC). *50 Años de Ideas e Ideales*. Buenos Aires: IMFC, 2008.

MERKLEN, D. *Asentamientos en La Matanza: la terquedad de lo nuestro*. Buenos Aires: Catálogos, 1991.

MTD La Matanza; DOBIN-BERNSTEIN, N. La masa crítica: libro de recetas de la panadería comunitaria del Movimiento de Trabajadores Desocupados de La Matanza. Buenos Aires: MTD Editora, 2007.

RIBEIRO FILHO, G. B. O Banco Mundial e as cidades construindo instituições na periferia: o caso do PRODUR, Bahia. 2006. 243 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://teses.ufrj.br/IPPUR_D/GeraldoBrowneRibeiroFilho.pdf>. Acesso em: 25 out. 2009.

SVAMPA, Maristella; PEREYRA, Sebastián. (2003); *Entre la ruta y el barrio: la experiencia de las organizaciones piqueteras*, Buenos Aires, Biblos.

THOMPSON, E. P. (2001); "Algumas observações sobre classe e 'falsa consciência' " In (Negro; Silva), *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos /E. P. Thompson*, Campinas, SP, Ed. da Unicamp.

Boletins e Outros Documentos.

APROFA, boletines, año 2004

ARTUSA, Marina 2005 “Vacaciones a toda marcha” en Viva: la revista de Clarín. (Buenos Aires) Domingo 17 de Julio de 2005 (p. 34-43).

ASOCIACIÓN MADRES DE PLAZA DE MAYO. Conferencia pronunciada el 6 de julio de 1988 por Hebe de Bonafini, Presidenta de la Asociación Madres de Plaza de Mayo, Asociación Madres de Plaza de Mayo. Disponível em: <<http://www.madres.org/asociacion/showit.asp?act=3>>. Acesso em: 17 jan. 2010 (a).

_____. Reseña de la historia de las Madres hasta 1995: Acciones, acontecimientos y luchas hasta 1995. Disponível em: <http://www.madres.org/asp/contenido.asp?clave=2379>>. Acesso em: 17 jan. 2010 (b).

DI NATALE, Martín (2010a). El Gobierno incluirá a hijos de monotributistas de baja categoría; reclamo por los chicos sin cobertura. In La Nación, 16/03/2010, edição impressa, disponível também em: http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota_id=1243915.

_____ (2010b) . “De cara a 2011, el Gobierno quiere triplicar los planes sociales” . In La Nación Sábado 02/01/2010, edição impressa, disponível também em: http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota_id=1217673

FERNÁNDEZ DÍAZ, J. (2010) “Un hombre solo contra la mafia y la miséria. Historias con nombre y apellido” In La Nación, 27/06/2009, edição impressa, disponível em: http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota_id=1144058.

MTD, La Juanita, boletines varios, años 2001 a 2005.

Periódico Regional La Posta, números 0 a 5, años 2004-2005 (Moreno).

TOSI, María Cecilia (2005) “Dejaron de cortar rutas y se dedican a exportar” La Nación (Buenos Aires), 12/06/2005. < <http://www.lanacion.com.ar/712329>>

ANEXO - QUADROS

Quadro 1 – APROFA: relações com organizações próximas territorialmente (ano 2005).

ORGANIZAÇÃO	RELAÇÃO COM A APROFA	ESPAÇO DE ATUAÇÃO
<i>Juntos Podemos</i>	Princípios e práticas semelhantes às da APROFA, atua em bairro vizinho e realiza encontros conjuntos com a APROFA	Tem um refeitório que atende 20 pessoas, com muito poucos recursos e no qual a APROFA tenta ajudar
<i>El Charquito</i>	Princípios e práticas semelhantes às da APROFA, atua em bairro vizinho e parte de seus membros é de familiares de membros da APROFA	Atuam no município de Moreno, num bairro contíguo ao da APROFA
<i>Tren Tren</i>	Intercâmbio frequente e pessoal entre membros, organização conjunta de eventos	Igual ao anterior
<i>Creciendo Juntos</i>	Alguns dos membros da APROFA trabalham como docentes na escola ou têm familiares que estudam nela. Parte dos docentes trabalha no projeto de criação de um centro cultural da APROFA	Está localizada num outro bairro de Moreno, mas parte de seus estudantes e docentes é do bairro da APROFA, La Quebrada
<i>Gestando</i>	Trabalham no fornecimento de alimentos para mulheres com filhos pequenos, muitos de seus membros participam dos empreendimentos da APROFA	Atua em Moreno, num bairro próximo ao da APROFA
<i>El Colmenar</i>	A linha de ônibus é frequentemente utilizada pelos vizinhos do bairro La Quebrada Os militantes da APROFA a aproveitam para “caminhar o município” e contatar outras organizações, sem ter de pagar a passagem	Associação de transporte iniciada na década de 1980, fundamental para a conexão entre diversos bairros de Moreno e de importante apoio para organizações sociais do município. Sede central em bairro de Moreno, mas distante da APROFA, o chamado Quartel V (Forni, 2003)
<i>El Culebrón Timbal</i>	Relação mais pontual e menos frequente, esta organização trabalhou na promoção de um encontro de <i>murgas</i> , de uma feira de “economia solidária” em La Quebrada e de uma “caravana cultural” pelos bairros de Moreno (dezembro de 2004). De ambos os eventos participou a APROFA	Organização que promove eventos culturais e feiras em diferentes bairros de Moreno e em municípios próximos e com o objetivo central de “integrar as diversas organizações de bairro” Sede central em Quartel V
<i>Partido Justicialista</i>	A APROFA tem uma relação de conflito com uma parte significativa de suas linhas internas, especialmente com os <i>punteros electorales</i>	Partido Nacional tradicional. Dominante no município e de ação difundida em todo o seu território a partir de suas subsedes, as <i>unidades básicas</i> e seus <i>punteros electorales</i>
<i>Igreja Católica – rede de refeitórios Caritas</i>	Relação significativa, através da capacitação que membros da APROFA dão aos responsáveis pelos refeitórios da rede no município de Moreno — ação de capacitação que é financiada por ACH	Significativa rede de refeitórios em todo o município de Moreno e na AMBA

Fonte: elaboração própria, com base em entrevistas e observações em fevereiro, maio e agosto de 2005.

Quadro 2 – APROFA: Relação com organizações sem sede no município de Moreno (ano 2005)

ORGANIZAÇÃO	RELAÇÃO COM A APROFA	ESPAÇO DE ATUAÇÃO
<i>Acción Contra el Hambre (ACH)</i>	Apoia economicamente os empreendimentos da APROFA e tenta que se articule com outras organizações sociais patrocinadas por ACH	ONG espanhola que apoia a capacitação e a formação de empreendimentos a partir de setores de baixa renda e como forma de garantir recursos considerados básicos (alimentos) Atuação internacional

Fonte: elaboração própria, com base em entrevistas e observações em fevereiro, maio e agosto de 2005.

Quadro 3 – APROFA: Participação em articulações entre organizações sociais e políticas (ano 2005)

NÚCLEO	MEMBROS	ESPAÇO DE ATUAÇÃO E PRINCIPAIS OBJETIVOS
Mesa de Moreno	MTD Evita; Mutual El Colmenar; APROFA; Agrupación Octubre; Mesa de Álvarez (articulação de organizações do bairro Álvarez, de Moreno)	Nível municipal Presença em grande parte dos bairros de Moreno Procura articular ações públicas no município, principalmente protestos diante do poder público. Em 2005 começou a se articular para concorrer por cargos eleitorais, participando das eleições legislativas
Mesa Nacional	FTV e CCC (organizações de <i>piqueteros</i> de ação nacional); Mesa de Morno e Organização Aníbal Verón (articulação de organizações de desempregados em nível nacional)	Nível nacional Com maior presença na Área Metropolitana de Buenos Aires (AMBA) e no Noroeste da Argentina Procura articular reivindicações diante o governo nacional e coordenar ações conjuntas no país
Encontro de Jovens Latino-americanos	Diversas agrupações de jovens que aderem à “autonomia”, em respeito a formas partidárias tradicionais, e são a favor do trabalho em comunidades e cooperativas Especial importância de agrupações de estudantes de agronomia	Nível latino-americano Com maior presença no Cone Sul do continente (Argentina, Brasil, Bolívia e Chile) Tenta promover a cooperação entre os seus membros, através do intercâmbio de militantes e encontros anuais

Fonte: elaboração própria, com base em entrevistas em fevereiro, maio e agosto de 2005.

Quadro 4 – MTD La Juanita: Relações com principais organizações próximas territorialmente (ano 2005).

ORGANIZAÇÃO	RELAÇÃO COM O MTD	ESPAÇO DE ATUAÇÃO
Corriente Clasista y Combativa (CCC)	Escassa e de “respeito mútuo”	Nível nacional, com sede central e maior atividade em La Matanza, a 500 metros do MTD
Poder Público Municipal	Programa saúde comunitária na sede do MTD	La Matanza
Foro de Cooperativas de La Matanza	Reuniões periódicas de “intercâmbio de experiências” e participação conjunta em eventos Ligado ao Instituto Movilizador de Fondos Cooperativos (IMFC)	Município de La Matanza, especialmente na localidade de San Justo (centro comercial e administrativo do município)

Fonte: elaboração própria, com base em entrevistas e observações em maio e agosto de 2005.

Quadro 5 – MTD La Juanita: Principais relações com organizações sem sede no município de La Matanza (ano 2005)

ORGANIZAÇÃO	RELAÇÃO COM O MTD	ESPAÇO DE ATUAÇÃO
Instituto Movilizador de Fondos Cooperativos (IMFC)	Apoio financeiro, cursos de capacitação e promoção de atividades de divulgação e articulação do MTD com outras cooperativas	Argentina, principalmente a AMBA
Asociación Madres de Plaza de Mayo	Na formação do MTD, trabalhou na realização no projeto pedagógico de “educação popular”. Apoio em atividades de divulgação do MTD e cursos	Igual ao anterior
Poder Ciudadano	Tenta articular os empreendimentos do MTD com as ONGs, embaixadas e empresas interessadas em dar apoio financeiro ou com compradores de seus produtos	Igual ao anterior
Fundações ligadas às embaixadas de Nova Zelândia e Canadá	Apoio financeiro	Representações diplomáticas na Argentina
Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)	Estágios de formação e intercâmbio, articulação de eventos internacionais	Brasil

Fonte: elaboração própria, com base em entrevistas e observações em maio e agosto de 2005.